

Resposta Crítica do New York Times para o Filme “A Noviça Rebelde” Antes e Depois do Oscar¹

Vinícius LIRA²

Renato VAISBIH³

Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP

RESUMO

“A Noviça Rebelde” é um filme de 1965 baseado no musical homônimo da Broadway que, por sua vez, foi livremente inspirado no livro “The Story of the Trapp Family Singers” (“A História dos Cantores da Família Trapp”, em tradução livre), de Maria von Trapp. Em seu ano de estreia, o longa recebeu diversas críticas negativas, dentre elas, a de Bosley Crowther, do New York Times, um dos maiores e mais influentes jornais da época. Em 1966, após sua vitória do Oscar de Melhor Filme, a forma como a obra foi retratada pelo veículo mudou drasticamente. Assim, o objetivo central desse trabalho é abordar, analisar e defender que o sucesso no Oscar foi essencial para o filme se tornasse o clássico que é na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: New York Times. Crítica cinematográfica. Cinema. Oscar.

INTRODUÇÃO

A inclusão do clássico “A Noviça Rebelde” na cultura pop começou em 1959, com a estreia do musical homônimo nos palcos da Broadway. Este foi baseado no livro “The Story of the Trapp Family Singers” (“A História dos Cantores da Família Trapp”, em tradução livre), de Maria von Trapp. Durante a sua estadia no teatro, o espetáculo faturou cinco prêmios Tony⁴ – incluindo o de Melhor Musical –, se tornando um favorito para o público com 1.443 apresentações.

Enquanto isso, em 1960, a produtora 20th Century Fox comprou os direitos da adaptação cinematográfica do musical, que veio a estrear em 1965. O longa trouxe diferenças do espetáculo, como corte e adição de canções e cenas, apresentando um elenco completamente novo e promissor liderado por Julie Andrews – que vencera o Oscar de Melhor Atriz em 1964 no papel título de “Mary Poppins” – como a noviça Maria e Christopher Plummer como o Capitão von Trapp.

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduando do Curso de Jornalismo da Uninove, e-mail: vin5e@uni9.edu.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Uninove, e-mail: renatov@uni9.pro.br.

⁴ O Tony é a premiação mais importante do mundo do teatro internacional, mesmo que ele só premie produções norte-americanas.

Mesmo que a história tenha hoje o carinho e respeito do público – tendo suas canções adaptadas por grandes nomes da música –, na época de lançamento ele foi considerado de mediano a horrível por fazer com que um período histórico detestável – o nazismo – se tornasse uma obra com músicas divertidas, um romance improvável entre uma noviça e um oficial da marinha e um final feliz.

Assim, a mudança da recepção do New York Times para com o filme será o foco desta pesquisa, usando uma coluna de lançamento, publicada pelo jornal em 1965, e uma coluna após a indicação e vitória do Oscar, publicada em 1966. Vale a menção de que as publicações foram feitas por autores diferentes.

Na primeira parte da análise, será destacada a coluna de Bosley Crowther, crítico de cinema do jornal New York Times. Ele foi o responsável por escrever uma das opiniões negativas que surgiram sobre o filme durante o seu período de lançamento, contribuindo, talvez, para que outras viessem a aparecer, já que o jornal era de grande popularidade na América do Norte – até o momento, o NYT já havia recebido mais de 30 prêmios Pulitzer, além de outras honrarias do jornalismo.

A segunda parte da análise partirá dos comentários curtos feitos por Peter Bart, colunista especial do New York Times, em seu texto falando sobre os vencedores do Oscar, publicado em 1966. Naquele ano, “A Noviça Rebelde” foi indicado em 10 categorias da premiação, vencendo 5 delas – incluindo as de Melhor Filme e Melhor Direção. Na coluna em questão, nos breves trechos onde o musical é citado, mesmo que provocativo, o tom é positivo e superficial, focando até mais em vencedores de categorias menores e outros detalhes sobre o que aconteceu durante o evento.

Para tanto, este trabalho levanta a hipótese de que a grata temporada de premiações norte-americana, com foco no Oscar, foi essencial para o novo entendimento do veículo para com a obra, fazendo, assim, com que o público também passasse a reformular suas opiniões sobre a construção e escolha do enredo de “A Noviça Rebelde”.

ENREDO DO FILME

Ambientado na Áustria de 1938, mais especificamente na cidade de Salzburgo, a história do filme “A Noviça Rebelde” segue os passos de Maria, uma noviça da Abadia de Nonnberg. Mesmo que tenha temor à Deus e tente ao máximo cumprir seus deveres religiosos para se tornar uma freira, a jovem não consegue se desligar das memórias de

sua infância complicada nas montanhas, onde, até o momento narrativo, entoa canções tradicionais austríacas para esquecer-se das adversidades e continuar tendo fé.

Entendendo suas questões, a Madre Abadessa acredita que Maria possa ser mais adequada para a vida fora do convento, concluindo que ela deve cumprir parte de seu chamado servindo de governanta para os sete filhos de Georg von Trapp, um oficial da marinha viúvo. Ainda que relutante e desconfiada, tanto dos planos da Madre quanto dos de Deus, a jovem segue seu caminho até a residência imponente da família.

Ao chegar lá, Maria é surpreendida com a disciplina militar ao qual o Capitão exerce não apenas sobre os filhos, como também sobre os serviçais. Dentre as primeiras informações que recebe, está a de que ela é a última de uma longa linhagem de governantas que as crianças expulsaram. E, por mais que Georg tenha dito claramente para tratar seus filhos como um pequeno exército, a noviça escolhe usar uma abordagem menos severa e mais dinâmica.

Com o Capitão em Viena, mesmo que demore até as crianças se familiarizem com a didática de Maria, eles acabam se rendendo às canções divertidas que a nova governanta os ensina após descobrir que a maioria não sabia nada sobre música. Pouco depois, quando Georg retorna a Salzburgo acompanhado de Max Detweiler e da Baronesa Elsa Schroeder, ele se depara com uma realidade completamente diferente do que estabelecera um mês antes.

Decidido a mandar Maria de volta ao convento, Georg escuta seus filhos cantando para Baronesa e Max uma das tradicionais canções da Áustria e, emocionado, se desfaz da ideia, mantendo a governanta junto de sua família até o final do verão. A partir disso, a residência von Trapp volta a ter música e o romance entre o Capitão e a noviça passa a desabrochar.

Percebendo que perdeu a atenção de Georg, Elsa conversa sobre sentimentos carnis com Maria e a convence de que ela está pronta para tornar-se uma freira. No entanto, quando chega no convento, a Madre Abadessa fala sobre amor entre duas pessoas e diz que a noviça precisa encarar a realidade sem se esconder, mandando-a de volta para a casa da família uma última vez. Vendo que seu plano não funcionou, a Baronesa sai do caminho e faz com que o Capitão fale com Maria sobre e, como acontece logo em seguida, se case com a jovem.

Ao passo que Maria e Georg estavam em lua de mel, as tropas alemãs tomaram conta da Áustria, impondo o regime nazista. Em Salzburgo, Max ficou responsável pelas

crianças e, vendo que aconteceria um festival musical, ele os inscreveu como um grupo de jovens cantores. Ao retornar, o Capitão é contra a participação dos filhos no evento até perceber que essa seria a única forma de escapar da Nova Ordem⁵.

O plano de fuga acontece durante o anúncio dos vencedores do festival, onde Maria, o Capitão e as crianças von Trapp escapam para a Abadia. A Madre Abadessa os esconde no cemitério do local e os orienta a fugir atravessando da Áustria até a Suíça pelas mesmas montanhas que deram início à história da noviça rebelde.

DESEMPENHO PÓS-LANÇAMENTO

O filme foi exibido pela primeira vez em 2 de março de 1965, em Nova Iorque. Oito dias depois, estreou em Los Angeles, seguido de uma distribuição em 131 cinemas dos Estados Unidos e 261 cinemas estrangeiros. A história da noviça Maria obteve um resultado financeiro bastante positivo. Ele faturou US\$ 286 milhões e superou o filme “...E o Vento Levou”⁶ – que teve US\$ 32 milhões estreantes –, se tornando o melhor desempenho de estreia da época.

Sua trilha sonora foi o álbum mais vendido no Reino Unido em 1965, 1966 e 1968, além de ser o 2º mais vendido no país em toda década de 1960. A canção “My Favorite Things” foi tão importante que é replicada até o início da década de 2010, destacando a versão natalina feita na série “Glee”⁷ em 2011 e o uso da base por Ariana Grande⁸ em 2019 na canção “7 Rings”, que estreou em 1º no Hot 100 da Billboard⁹.

PERÍODO HISTÓRICO NO FILME

Após a abertura e a música título, durante o intertítulo, é informado que a história se passará na cidade de Salzburgo, no ano de 1938 – o que o narrador chama de “os últimos dias de ouro da década”. A partir disso, o filme entrega mais ou menos 40 minutos sem qualquer detalhe sobre o período histórico, abordando apenas as questões iniciais

⁵ Nova Ordem foi um sistema político que a Alemanha nazista tentou estabelecer no mundo durante as décadas de 1930 e 1940 para garantir a supremacia da “raça superior” ariana-nórdica.

⁶ “...E o Vento Levou” é um drama histórico de 1939 dirigido por Victor Fleming, George Cukor e Sam Wood para a Selznick International Pictures.

⁷ “Glee” é uma série adolescente norte-americana de comédia-musical dirigida por Ryan Murphy e distribuída pela Fox. A música foi performada por Amber Riley, Lea Michele, Darren Criss e Chris Colfer.

⁸ Ariana Grande é uma cantora e atriz norte-americana que ficou conhecida por sua personagem Cat Valentine na série “Brilhante Vitória”, da Nickelodeon e, posteriormente, por sua carreira musical.

⁹ Billboard é um site norte-americano especializado em informações sobre a indústria musical.

sobre os dilemas de Maria e seus primeiros momentos conflituosos com a família von Trapp. Esse início também indica a tensão sexual entre a protagonista e o Capitão.

Uma nova indicação de tempo pouco antes da canção “Sixteen Going On Seventeen”, onde o personagem Rolf – um jovem mensageiro que é apaixonado por Liesl, a filha mais velha da família – cita que o Capitão von Trapp é “austríaco demais”. Quando a menina tenta rebater, afirmando que todos ali são austríacos, Rolf diz que certas pessoas acham que eles deveriam ser alemães e que essas pessoas ficam muito bravas quando são contrariadas (NOVIÇA Rebelde, 1965). Esse ponto é desconversado rapidamente e o número musical se inicia.

É esse mesmo personagem que faz a próxima alusão ao período histórico do filme, em pouco mais de uma hora, quando volta para a residência da família na intenção de se encontrar com Liesl outra vez. Como ela não está, Rolf tem um momento com Capitão e, nervoso pela situação, faz a saudação nazista para evitar explicações, saindo de cena na sequência. Mais uma vez, o tópico é passado para frente e um número musical se inicia minutos depois.

Exatamente em 01h28 existem verdadeiras noções históricas em um momento de conflito. O Capitão von Trapp está dando uma festa em homenagem à sua futura parceira, a Baronesa Elsa Schroeder, recebendo moradores de propriedades próximas a sua e também colegas do período em que serviu na marinha. Herr¹⁰ Hans Zeller, um major do exército com crenças nazistas, aparece pela primeira vez olhando desconfortavelmente para uma bandeira da Áustria pendurada como decoração da casa e, depois, assistindo as crianças apresentarem um número musical.

Um casal convidado parabeniza Georg pelo talento de seus filhos, perguntando retoricamente “se existe expressão melhor do que é bom no país do que as vozes inocentes das crianças” (NOVIÇA Rebelde, 1965), o que ele responde com um aceno em concordância. O conflito principal, o que apresenta mais claramente o ponto de vista político de alguns personagens, se dá por conta desse comentário, que por sua vez é escutado e rebatido por Herr Zeller no seguinte diálogo:

— Oh, que isso, Barão, quer que acreditemos que só a Áustria possui o monopólio da virtude?

— Herr Zeller, alguns de nós preferem vozes austríacas elevadas em uma canção do que as feias ameaças germânicas.

¹⁰ “Herr” significa “Senhor” em alemão.

-
- Sim, o avestruz enterra sua cabeça na areia e, às vezes, na bandeira. Talvez aqueles que dizem que o Anschluss virá - e virá sim, Capitão - talvez possa impressioná-lo colocando suas palavras em música.
 - Se os nazistas invadirem a Áustria, não tenho dúvidas de que o Senhor será toda a seção de trombetas.
 - Lisonjeia-me, Capitão.
 - Queira me desculpar. Pretendia ofendê-lo.

NOVIÇA Rebelde, 1965, 97 min.

Depois dessa interação, não existem menções ao período histórico por um grande espaço de tempo. A Baronesa convence Maria a retornar ao convento e, quando chega, é enviada de volta por Madre Abadessa para a residência von Trapp, onde é recebida com a notícia do compromisso de Georg e Elsa. Esse compromisso é desfeito e um novo, entre o Capitão e Maria, é selado, seguido de um dueto romântico e cenas do matrimônio do novo casal.

Faltando 35 minutos para o fim do musical, momentos antes de descobrir como ficaram as crianças enquanto seus pais estavam em lua de mel, a abordagem histórica fica intensa. Os planos gerais mostram referências nazistas por toda parte, desde a tropa marchando nas ruas até bandeiras hasteadas em edifícios do que parece ser a parte central da cidade.

O agora prefeito Hans Zeller se encontra com Max Detweiler, que ficou responsável por ensaiar as crianças para o festival musical, e diz que passou pela residência da família von Trapp, destacando que essa foi a única da vizinhança que ainda não hasteou a bandeira do Terceiro Reich¹¹ desde o Anschluss¹². Herr Zeller quer saber quando o Capitão voltará para que ele possa “ocupar a posição adequada na Nova Ordem” (NOVIÇA Rebelde, 1965).

A partir de agora o enredo é quase que completamente voltado para a situação política da época, e não mais o romance ou a dinâmica familiar e religiosa. Ao retornar da lua de mel, Georg encontra a bandeira nazista hasteada em sua casa¹³, a qual ele rasga. Mais para frente, enquanto Max tenta convencer o Capitão a deixar com que seus filhos cantem do festival, existe um diálogo igualmente decisivo que aponta o posicionamento político de mais um personagem.

¹¹ Terceiro Reich é um dos nomes para a Alemanha durante o período entre 1933 e 1945, quando era governada por Adolf Hitler e pelo Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

¹² Termo utilizado para referir-se à anexação político-militar da Áustria por parte da Alemanha em 1938.

¹³ O filme deixa subentendido que foi o mordomo da família quem hasteou a bandeira, visto que ele é o único da casa que faz a saudação nazista durante o filme.

-
- Absolutamente fora de questão.
 - Georg, é pela Áustria!
 - Pela Áustria? Huh, não existe mais Áustria
 - Mas o Anschluss aconteceu pacificamente... Pelo menos vamos ser gratos por isso.
 - O que?! Olha Max, às vezes não acredito que conheço você...

NOVIÇA Rebelde, 1965, 144 min.

Na sequência, Max ainda diz para Maria que Georg precisa “ao menos fingir que trabalha para essa gente” (NOVIÇA Rebelde, 1965), dando a entender que é assim que ele está lidando com o atual governo. Ainda nesta cena, o Capitão descobre que está sendo aconselhado a aceitar uma vaga que lhe foi ofertada na marinha. Em uma conversa com Maria, ele diz que será fatal para toda família se ele recusasse o convite, mas que se juntar à tropa seria inimaginável. É nesse momento que os recém-casados decidem deixar a Áustria naquela mesma noite.

Existe uma primeira tentativa de fuga, que é impedida por Herr Zeller. Georg diz que ele e sua família participarão do festival, o que eles de fato fazem, por isso que será impossível aceitar a posição na marinha naquele momento. Após a apresentação, eles fazem uma segunda tentativa de fuga, se escondendo no cemitério da Abadia conforme as ordens da Madre Abadessa.

Durante uma curta cena de perseguição dentro do convento, Rolf reaparece, agora como integrante das tropas nazistas, tentando impedir a família de escapar. O Capitão diz que o menino nunca será como um deles e pede para que se junte na fuga antes que seja tarde demais (NOVIÇA Rebelde, 1965), prevendo que o regime não teria futuro. A negociação não funciona e, após o jovem entregar os fugitivos¹⁴, Georg, Maria e as crianças ainda conseguem escapar.

A cena final mostra toda a família escalando as montanhas que, ficcionalmente¹⁵, ligam a Áustria com a Suíça, onde eles não precisarão se preocupar com o regime nazista.

¹⁴ No musical da Broadway, a família só consegue fugir porque Rolf não os entrega aos soldados, pois Liesl se põe entre o pai e a arma do jovem. Esse seria o arco de redenção dele. No filme de 1965, quem consegue impedir os nazistas de perseguir a família são duas freiras, que cortam fios dos carros enquanto a tropa faz a busca no convento.

¹⁵ Em “A noviça rebelde: Memórias de antes e depois do grande sucesso do cinema” (p. 267), de Agathe von Trapp, descobre-se que é impossível atravessar de Salzburgo até a Suíça, pois não existe uma passagem de um lugar para o outro. Ela disse ainda que, na realidade, para sua família fugir do regime nazista, eles pegaram um trem para a Itália.

RECEPÇÃO CRÍTICA ANTES DO OSCAR

Após uma noite de sucesso no Rivoli Theater, em Nova York, foi Bosley Crowther o responsável por escrever a crítica para o NYT na manhã seguinte. O colunista, que já era conhecido por seus comentários interpretados como desnecessários, desgostou de “A Noviça Rebelde” e não foi condescendente ao falar do filme. Em três longas colunas de texto, ele analisou – positiva e, acima de tudo, negativamente – cada um dos aspectos, desde os cenários utilizados até a escolha de canções.

Antes de efetivamente entrar no enredo, Crowther foi positivo nos comentários sobre as locações escolhidas e alguns estilos de filmagem, comparando-as com o filme “Amor, Sublime Amor”, também dirigido por Robert Wise. Enquanto faz esses primeiros reconhecimentos, casualmente cita que, para ajudar na qualidade do longa, o diretor contou com a presença de Julie Andrews interpretando a protagonista Maria, afirmando que é ela quem proporciona a inovação mais evidente e atraente do filme (CROWTHER, 1965).

Seguindo agora com um tom provocativo, o colunista comenta que, junto da forma alegre que ela conduziu a personagem principal, Andrews ainda usou um pouco da personalidade de Mary Poppins – papel que lhe rendeu um Oscar de Melhor Atriz um ano antes. Mas, segundo ele, esse movimento foi perigoso por conta dos absurdos românticos e sentimentais que o filme carrega. Nesse ponto, Crowther parece não se importar em começar a afrontar o trabalho da atriz.

Apesar da realidade desilusória com a qual ela e os outros têm de enfrentar, especialmente no final, quando os Von Trapp deveriam estar fugindo dos nazistas e de sua terra natal, a Srta. Andrews trata tudo com o mesmo ar controlado de serenidade e autoconfiança que ela tem quando a encontramos pela primeira vez cantando a música-título no topo de uma montanha.

(CROWTHER, 1965, tradução nossa)¹⁶

A atuação de Julie Andrews parece ser o que mais o incomoda, e não o fato de que Wise transformou um dos eventos históricos mais trágicos do mundo em uma comédia-musical. Tanto que, dos 18 parágrafos de crítica, 6 deles são voltados exclusivamente para a performance “sem graça”, “aconchegante e cafona que até mesmo

¹⁶ “Despite the hopeless pretense of reality with which she and the others have to contend, especially in the last phase, when the von Trapps are supposed to be fleeing from the Nazis and their homeland, Miss Andrews treats the whole thing with the same air of serenely controlled self-confidence that she has when we first come upon her trilling the title song on a mountain top.”

as pessoas do cinema sabem que é antiquada” (CROWTHER, 1965) da atriz. E considerando que foram 12 trechos voltados para o enredo – já que a discussão sobre a ambientação tomou os 4 parágrafos iniciais depois da introdução –, os comentários sobre Andrews formam metade do texto.

A Srta. Andrews não é nada intimidadora. Ela interpreta uma babá mais açucarada do que Mary Poppins, mas não parece se incomodar [com isso].

(CROWTHER, 1965, tradução nossa)¹⁷

Sobre as crianças, ele apenas diz que as mesmas tiveram que agir como Shirley Temple e Freddie Bartholomew¹⁸ e que “se saíram tão bem quanto se poderia esperar com seus papéis artificiais variados” (CROWTHER, 1965). O mesmo para Richard Haydn, que interpretou Max Detweiler, chamando suas expressões faciais e seu sotaque alemão de convencionais, e para Eleanor Parker, afirmando que a atriz é tão polida e sem graça quando sua personagem, a Baronesa Schroeder. Ainda que controverso, um elogio para Peggy Wood, comentando sobre como ela foi boa ao cumprir a instrução de se afastar da câmera nos números musicais, já que teve sua voz cantada dublada¹⁹ por outra pessoa.

É Christopher Plummer quem recebe críticas mais severas e longas – não tanto quanto as de Andrews, durando apenas um parágrafo e meio. Pouco antes, quando começa a falar do restante do elenco, o colunista diz que “os adultos são bastante horríveis, especialmente Christopher Plummer como Capitão von Trapp” (CROWTHER, 1965). Ele comentou sobre como, mesmo mantendo a expressão séria, o ator aparentava ser tão bonito quanto falso.

E quando ele coloca suas expressões e seus gestos ao som de outra pessoa cantando a melancólica "Edelweiss" (que, aliás, foi a última música que o Sr. Hammerstein escreveu), é dolorosamente piegas demais para os sentimentos simples daquela bela canção.

(CROWTHER, 1965, tradução nossa)²⁰

¹⁷ “Miss Andrews is nothing daunted. She plays a more saccharine nanny than Mary Poppins, but it doesn’t get her goat.”

¹⁸ Shirley Temple e Freddie Bartholomew foram atores mirins conhecidos por seus papéis infantis nas produções hollywoodianas da década de 1930.

¹⁹ Essa técnica era muito utilizada antigamente por produtores que escalavam atores que não sabiam cantar. Christopher Plummer também precisou de um dublê de voz para os números musicais.

²⁰ “And when he puts his expressions and his gestures to somebody else's singing of the wistful "Edelweiss" (which, incidentally, was the last song that the late Mr. Hammerstein wrote), it is just a bit too painfully mawkish for the simple sentiments of that nice song.”

Quase no fim do texto, Bosley Crowther destaca a adição, segundo ele, esquecível de duas canções – “I Have Confidence” e “Something Good” – e comenta que o diretor “parece ficar sem músicas no final do filme e repete duas ou três das mais familiares” (CROWTHER, 1965). Aqui, o jornalista se refere a reprise da música-título e de outras quatro²¹ canções, que se repetem apenas por conta da cena do festival que a família participa antes de fugir.

Crowther encerra fazendo um trocadilho com o sobrenome do diretor, dizendo que, em termos de negócios, Robert Wise não é tolo²² – ainda se referindo a repetição das músicas que, por coincidência ou não, são as mais populares do musical e a adição da então recém-vencedora do Oscar, Julie Andrews, como protagonista.

RECEPÇÃO CRÍTICA DEPOIS DO OSCAR

Um ano depois, em 1966, o filme voltou a ilustrar as páginas do New York Times, agora com 10 indicações e 5 vitórias no Oscar, a maior premiação do cinema. O responsável pela coluna foi Peter Bart, um repórter especial do jornal, e, como tinha muito a ser dito, os trechos onde o filme é citado são curtos. Ainda, é possível ver uma grande mudança no tom – mesmo que assuma uma postura debochada –, além de um grande foco em categorias menores que geralmente não receberiam tanto destaque em uma crítica.

Logo no início, Peter Bart informou a vitória de “A Noviça Rebelde” como Melhor Filme, retomando o assunto um parágrafo depois, quando informa a vitória de Robert Wise como Melhor Diretor. O jornalista segue, afirmando que o longa faturou US\$ 60 milhões. Na sequência, ao informar o elenco principal, ele menciona que Julie Andrews ganhou o Oscar de Melhor Atriz por “Mary Poppins” um ano antes. A atriz também foi indicada em 1966 e perdeu²³.

Depois de citar Christopher Plummer no elenco principal, falou superficialmente sobre a produção do filme e onde foi gravado, sobre a participação de Peggy Wood e Eleanor Parker no elenco secundário e sobre o musical ter sido, junto do filme “Doutor Jivago”, a obra mais premiada da noite. Em certo ponto, Bart comenta que a vitória na categoria de Melhor Filme já era esperada.

²¹ São elas “The Sound of Music”, “Do-Re-Mi”, “Sixteen Going on Seventeen” e “Edelweiss”.

²² Bosley Crowther encerra a crítica com a frase: “Businesswise, Mr. Wise is no fool!”. “Wise”, em inglês, significa “esperto”, “fool” significa “tolo” e “business” é “negócios”. Assim, a tradução mais literal seria: “Inteligente com negócios, o Sr. Esperto não é tolo”.

²³ A vencedora da categoria em 1966 foi Julie Christie, por “Darling: A Que Amou Demais”.

A vitória de Lee Marvin, um antigo ator de Hollywood, obteve talvez a maior ovação da noite. [...] A escolha [de premiar] do Sr. Marvin foi classificada como talvez a única surpresa da noite. A vitória da Srta. Christie e de “A Noviça Rebelde” já eram esperadas em suas categorias.

(BART, 1966, tradução nossa)²⁴

Mais uma vitória do filme é citada rapidamente depois de alguns parágrafos – Melhor Edição/Montagem –, seguido de longos períodos falando sobre como foi a noite de premiação.

É no último parágrafo do texto que Andrews volta ao foco da coluna de Bart. Ele diz que, mesmo que ela não tenha “vencido o Oscar esse ano, sendo, assim, privada da honra de ser eleita a melhor atriz em anos consecutivos, ela permaneceu uma espectadora nitidamente alegre” (BART, 1966). O colunista ainda acrescentou que ela acabou “colocando as mãos em um prêmio”, já que o diretor Robert Wise dedicou e entregou a estatueta de Melhor Diretor para a atriz durante seu discurso de vitória na categoria.

ANOS ANTES DE “A NOVIÇA REBELDE”

Em 1965, um ano antes de “A Noviça Rebelde” ser indicado, Peter Bart também foi o responsável pela coluna especial comentando a noite de premiação do Oscar. Esse foi o ano em que Julie Andrews recebeu a estatueta de Melhor Atriz por “Mary Poppins” – prêmio que Bosley Crowther, e o próprio Bart, relembra durante sua crítica.

Parecendo via de regra criticar mulheres que competem numa mesma categoria, Audrey Hepburn era a mais cotada para levar o Oscar por “Minha Bela Dama”²⁵ e, quando Andrews ganhou, Bart fez questão de reservar vários parágrafos para discorrer sobre a situação entre as duas atrizes.

Acontece que Julie Andrews foi recusada no papel de Eliza Doolittle no filme – assumido por Hepburn posteriormente – momentos antes de aceitar o papel como Mary Poppins, que lhe rendeu o Oscar. Fora que, como Rex Harrison ganhou como Melhor Ator e “Minha Bela Dama” ganhou como Melhor Filme, Peter Bart dedicou muito mais

²⁴ “The selection of Mr. Marvin, a long-term Hollywood actor, won perhaps the biggest ovation of the night [...] Mr. Marvin’s selection ranked as perhaps the only surprise of the evening. Miss Christie and ‘The Sound of Music’ were expected to win in their categories.”

²⁵ “Minha Bela Dama” é um filme estadunidense de 1964, do gênero comédia musical, dirigido por George Cukor e baseado na peça teatral “Pigmalião”, de George Bernard Shaw. A história também é derivada de um musical da Broadway, estrelado por Julie Andrews – por isso que a mídia quis tanto incentivar uma intriga entre ela e Audrey Hepburn na época.

tempo para falar sobre a obra do que quando “A Noviça Rebelde” ganhou na mesma categoria.

Outro destaque importante a ser feito é que o filme com Hepburn e Harrison obteve uma crítica positiva na coluna de estreia no NYT – escrita por Richard F. Shepard –, além de também ter sido o filme mais premiado durante seu ano concorrendo ao Oscar.

Porém, diferente de “A Noviça Rebelde”, a obra é malvista por ter representações machistas, misóginas e xenofóbicas em seu enredo que é, basicamente, sobre um professor da língua inglesa que, por conta de uma aposta com outro professor, decide transformar uma moradora de rua numa dama da alta sociedade.

“A NOVIÇA REBELDE” NO SÉCULO XXI

Com a ajuda da temporada de premiação, o filme conseguiu fazer história com vários detalhes de sua produção. Os cenários utilizados em Salzburgo para a filmagem se tornaram ponto turístico, onde uma equipe especializada realiza uma excursão. Parte do elenco escreveu livros contando a experiência de fazer parte da história e conseguiram se conectar com os integrantes da família von Trapp real em datas comemorativas.

No ano de 2015, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas realizou uma homenagem pelos 50 anos de estreia do musical durante a premiação do Oscar. Com a história introduzida pela atriz Scarlett Johansson, Lady Gaga realizou um número musical formado por medley de algumas canções. Ainda durante o tributo, Julie Andrews se juntou à cantora no palco para fazer um discurso.

Escrito por especialistas, “O Livro do Cinema”²⁶ abriga um capítulo dedicado à “A Noviça Rebelde”. Nele, os autores falam sobre a narrativa do filme e como ela se divide em duas partes, uma focada na aceitação de Maria pela família von Trapp e o dilema quando se apaixona pelo Capitão e outra no regime nazista.

Por trás da diversão, porém, reside um filme significativo. [...] Ambientado em 1938, e baseado numa história real, o filme ainda repercute, talvez, por representar valores extintos numa das eras mais tenebrosas da Europa.

(LEIGH *et al.*, 2016, p. 180)

²⁶ “O Livro do Cinema” é uma coletânea capítular da Globo Livros sobre a história do cinema, apresentando detalhes dos principais filmes já produzidos desde o começo do século XX.

É destacado a forma como “A Noviça Rebelde” retrata a ligação da protagonista com a fé e o respeito que seu par romântico tem com a pátria. Diferentemente de Bosley Crowther, os autores elogiam e compreendem o fato de que a positividade é mantida mesmo no período de maior conflito – já que manter a esperança em meio às adversidades é uma das lições que o filme passa.

O otimismo irresistível do filme não deriva apenas das montanhas que revivem “ao som da música” [...], mas de sua mensagem de que a honestidade e a bondade são defesas contra o mal.

(LEIGH *et al.*, 2016, p. 181)

Depois de sua estreia na Broadway, o espetáculo foi encenado em mais de 20 países ao redor do mundo. No Brasil, o musical chegou em 2005 com uma temporada no eixo Rio-São Paulo, com Kiara Sasso como Maria, e depois, em 2018, com Malu Rodrigues no papel destaque em ambos os estados brasileiros também.

Além disso, o musical foi replicado diversas vezes na televisão. Em 2013, o canal norte-americano NBC estreou o “The Sound of Music Live!”, um especial televisivo do espetáculo transmitido ao vivo que contou com a cantora Carrie Underwood como Maria e Stephen Moeyer como o Capitão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, a crítica impõe a ideia de que o enredo de “A Noviça Rebelde” possa ser absurdo e inconsequente, principalmente após Bosley Crowther cumprir com uma agenda de duras críticas ao filme, mas, após um desempenho positivo no Oscar, o filme passou a fazer parte do imaginário afetivo do público. Assim, neste trabalho, cuidou-se o autor da função de considerar que seus prêmios foram fundamentais para o sucesso da obra.

Comparando as colunas de Crowther e Peter Bart, é notável que o tom se tornou sutil, tratando o longa e suas vitórias na premiação mais importante do cinema como algo quase banal. Ainda que existam as provocações para com as atrizes – visto que naquele período lutas sociais para cessar com competitividade feminina no mundo da arte não estavam em destaque –, Bart se contenta em elogiar a produção do filme e citar superficialmente suas vitórias. Assim, as conquistas de “A Noviça Rebelde” foram essenciais para amenizar seu entendimento negativo, como uma espécie de segunda chance.

Isso diferente do que ele fez na coluna de 1965 comentando os vencedores do Oscar. Naquele ano, o jornalista reservou longos períodos para falar sobre “Minha Bela Dama” e sobre seu enredo, que, assim como “A Noviça Rebelde”, foi inspirado num musical da Broadway. Bart também discorreu sobre Audrey Hepburn perder para Julie Andrews na categoria de Melhor Atriz, lembrando que a mesma ainda foi quem anunciou a categoria de Melhor Ator, vencida por seu parceiro de cena Rex Harrison.

Colocando em ordem cronológica, é possível ver que em 1964 “Minha Bela Dama” foi bem quisto por Richard F. Shepard em seu lançamento e, como consequência, aclamado no Oscar e também por Peter Bart em sua coluna no New York Times, em abril de 1965. Um mês antes, março daquele ano, a história da noviça Maria estreou e foi duramente criticado por Bosley Crowther. Seguindo, “A Noviça Rebelde” foi o mais premiado do Oscar de 1966 e, em sua coluna especial, Peter Bart manteve um tom injurioso mesmo enquanto falava bem do longa.

Se é que existe – e de fato existe – um padrão de comportamento ao criticar filmes, vê-se que “A Noviça Rebelde” bagunçou a divisão por ter sido odiado pela crítica e aclamado pela Academia de Cinema norte-americana, mas, ainda assim, permaneceu criticado pelo New York Times nos comentários pós-Oscar e se manteve querido pelo público anos depois – diferentemente de “Minha Bela Dama”, que teve uma trajetória completamente diferente.

Foi por meio da análise de dois artigos publicados pelo NYT – feitos por Bosley Crowther e Peter Bart – que se obteve tais resultados, além do auxílio de outros dois artigos previamente publicados sobre outro filme – feitos por Richard F. Shepard e Bart, na mesma função – apenas para fins de comparação.

A questão analisada na construção da pesquisa, e repetidamente respondida de forma negativa, é se o New York Times teve grande influência na construção do apreço com o filme “A Noviça Rebelde” durante o período de estreia. Se examinado do ponto de vista de críticos de cinema, possivelmente sim, já que eles ditavam o que era e o que não era bom na época, mas se considerado do ponto de vista do público, não, pois são eles quem de fato determinam a excelência e relevância de uma obra.

Do exposto, conclui-se que sua legitimada temporada no Oscar foi importante para o reconhecimento do veículo para com o filme, visto que a interpretação da mesmo mudou singelamente na época, o que pode ter influenciado o público a estimá-lo ainda mais. Esse ponto pode se confirmar quando se é analisado que o longa se tornou ainda mais querido

e respeitado, recebendo homenagens da Academia de Cinema pelos aniversários de estreia e adaptações comemorativas, fora a permanência nos palcos da Broadway, diferentemente do que aconteceu no controverso período de lançamento.

REFERÊNCIAS

BART, Peter. **'Fair Lady,' Julie Andrews and Harrison Win Oscars; Cukor, Director of the Movie, Voted Best in His Craft Peter Ustinov, Lila Kedrova Cited for Supporting Roles.** The New York Times, Nova Iorque, 06 de abr. de 1965. Disponível somente para assinantes em: <https://www.nytimes.com/1966/04/19/archives/sound-of-music-wins-oscar-as-the-best-film-of-1965-julie-christie.html>. Acesso em: 18 de abr. de 2021

BART, Peter. **'Sound of Music' Wins Oscar as the Best Film of 1965; Julie Christie, Lee Marvin and Robert Wise Acclaimed.** The New York Times, Nova Iorque, 19 de abr. de 1966. Disponível somente para assinantes em: <https://www.nytimes.com/1966/04/19/archives/sound-of-music-wins-oscar-as-the-best-film-of-1965-julie-christie.html>. Acesso em: 09 de abr. de 2021

CROWTHER, Bosley. **'The Sound of Music' Opens at Rivoli.** The New York Times, Nova Iorque, 03 de mar. de 1965. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1965/03/03/archives/the-sound-of-music-opens-at-rivoli.html>. Acesso em: 09 de abr. de 2021

LEIGH, Danny et al. **O Livro do Cinema.** Tradução: Fernando Nuno. 1ª Ed. São Paulo: Globo Livros, 2016.

MCFADDEN, Robert D. **Bosley Crowther, 27 years a critic of films for Times, is dead at 75.** The New York Times, Nova Iorque, 08 de mar. de 1981. Seção 1. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1981/03/08/obituaries/bosley-crowther-27-years-a-critic-of-films-for-times-is-dead-at-75.html>. Acesso em: 21 de mar. de 2021

NOVIÇA Rebelde. Direção: Robert Wise. Produção de Robert Wise. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1965. 1 DVD. (175 min.)

SHEPARD, Richard F. **Eliza Doolittle, Ex-Urchin, to Start New Career Film Version of 'Fair Lady' to Have World Premiere at Criterion Tonight.** The New York Times, Nova Iorque, 21 de out. de 1964. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1964/10/21/archives/eliza-doolittle-exurchin-to-start-new-career-film-version-of-fair.html>. Acesso em: 18 de abr. de 2021

TANNUS, Lara. **Início do Terceiro Reich.** Faculdade De Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade De São Paulo, 21 de mar. de 2018. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/449>. Acesso em: 03 de abr. de 2021

TRAPP, Agatha von. **A noviça rebelde: Memórias de antes e depois do grande sucesso do cinema.** Tradução: Fátima Santos. 1ª Ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

TRUST, Gary. **Ariana Grande's '7 Rings' Soars In at No. 1 on Billboard Hot 100.** Billboard, 28 de jan. de 2019. Disponível em: <https://www.billboard.com/articles/columns/chart-beat/8495202/ariana-grande-7-rings-hot-100-number-one-debut>. Acesso em: 26 de mar. de 2021.